



As religiões afro-brasileiras no Cordel: a escrita de Franklin Maxado

Nordestino

Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior (UFRN-CERES-DHC)

A Literatura de Cordel está impregnada na história literária brasileira e em especial na nordestina. Advinda de uma tradição ibérica, inicialmente oral, em que os trovadores e cantadores expunham publicamente suas habilidades nos versos e nos improvisos, com o passar do tempo e o letramento de muitos poetas, esta prática passou a ser escrita em folhetos que se espalharam pelo interior do nordeste e se tornou um documento vivo de acontecimentos nacionais, regionais e locais. Os temas abordados são infinitos, como bem descreveu Luis Câmara Cascudo em pelo menos três de suas obras: *Os cinco livros do povo* (1953), *Literatura oral do Brasil* (1978) e *Vaqueiros e cantadores* (2005). A oralidade e a escrita não foram contraditórios, como bem ressaltou a antropóloga Julie Cavignac em sua obra *A literatura de cordel no nordeste do Brasil* (2006). O simbólico dos sertanejos aparece nas narrativas com todas as suas crenças e valores morais, não deixando de apontar para uma tradição como um fenômeno absolutamente dinâmico e que se altera conforme as próprias convicções do narrador. É neste ponto, alertado por Cavignac (2006), que a pesquisa histórica ganha força e importância. Não somente o escrito no cordel torna-se relevante, mas também as perspectivas lançadas pelos autores sobre os vários aspectos da vida nacional. Ainda no campo da oralidade/cordel uma obra que é deveras fundamental é *Cordel: leitores e ouvintes* (2001) de Ana Maria de Oliveira Galvão. Esta obra discorre sobre as experiências dos leitores e ouvintes em Pernambuco no século XX. Todas as tonalidades da leitura, bem como a recepção das obras, tão caras aos estudos na área da História da Leitura, são observadas pela autora que nos coloca diante de um universo que vai além do estudo sobre a poesia escrita, visto que privilegia o ouvinte/receptor e não o poeta cordelista apenas. Os cordéis estão marcados constantemente pela relação direta entre fato e ficção que se misturam ao bel prazer dos autores, que, para contar suas histórias lançam mão de suas habilidades poéticas para fazer do contado o mais compreensível possível para seus leitores e ouvintes. É neste caminho de entrelaçamento entre o ficcional e a realidade que o cordel trilhou, desde o primeiro que se tem notícia sobre a Guerra de Canudos, escrito por um soldado que participou deste movimento, até os dias atuais.



Também a luta entre o bem e o mal é constante na vasta produção cordeliana, muitas delas conhecidas como “pelejas” entre personagens conhecidos do universo popular, mas também de pessoas de renome na História do Brasil.

O cordel ao longo de sua trajetória se consolidou como aquele que informa, que ensina e que diverte. Foi o primeiro “jornal” do interior do país, em lugares em que a imprensa oficial não chegava, mas que as notícias trazidas pelos caixeiros viajantes e depois pelo rádio, transformaram-se em poesia com métrica cordeliana e era levada para as feiras e locais de aglomeração pública. Vários relatos dão conta que a população do interior só acreditava realmente em um fato quando o cordel o descrevia. O cordel esteve ligado a alguns aspectos que o caracterizaram: baixo custo de sua produção e venda, distribuição normalmente em feiras e eventos, declamação em voz alta para chamar a atenção dos possíveis compradores, utilização de capas com imagens que poderiam descrever de forma direta e instigante a história contida no folheto e editoras dos próprios cordelistas.

Sobre religião e religiosidade é que a produção cordelista ganha força ao longo de sua história. O catolicismo em suas variadas possibilidades no país, como bem analisado por Arnaldo Lemos Filho em *Os catolicismo brasileiros* (2000), aparece claramente nas obras de autores cordelistas. Da mesma forma que a história dos Papas são decantadas, também personagens como Padre Cícero, Frei Damião, milagreiros de cemitério ou de rua (José Leão, Santa Francisca, entre tantos outros), aparecem de forma recorrente nos cordéis. Outro personagem que ganha enorme visibilidade é o diabo, com suas tramoias, pelejas e bizarrices, como foi pesquisado por Mario Pontes e publicado em 1979 com o título *Doce como o Diabo: demônio, utopia e liberdade na poesia de cordel nordestina*. Estas personagens ganharam força nos meios populares e se enraizaram nas obras cordelianas. Reforçamos, então, que no nordeste e sobretudo no sertão, a produção cordeliana está intimamente relacionada ao catolicismo oficial e não oficial, e esta visão do mundo católico foi e é bastante conservadora, tentando separar categoricamente as rezas, curas, orações e demais práticas do que eles chamam de “catimbó, feitiço, macumba”.

Não podemos esquecer que a grande produção cordeliana atualmente não está mais no que chamo de “nordeste profundo” e sim nas grandes metrópoles: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Fortaleza, entre outras. Nestas cidades mais ao sul, é



inegável a permanência de uma escrita ainda relacionada ao nordeste. Sabemos das várias ondas migratórias de nordestinos que acorreram ao centro-sul quando das terríveis secas que assolaram a região nordestina (assolam até hoje). Quando a literatura de cordel começou a ser gestada no nordeste a grande seca de 1877 fez com que milhares de homens e mulheres fugissem da morte e viram nas grandes cidades um local menos inóspito. Mas, como costume afirmar, estes sujeitos saíram do nordeste, mas o nordeste não saiu deles.

Também não podemos negar que o papel da literatura de cordel foi determinante na construção de discursos que promoveram personagens, como foram os casos de Lampião e Padre Cícero. Muitos dos romances da década de 30 do século passado foram inspirados nas narrativas cordelianas e na idilidade do sertão. Mas, é pertinente nos atentarmos para estes discursos, que se tornaram repetitivos e quase inquestionáveis para aqueles que liam estes folhetos. Como bem lembrou Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu livro “A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular – Nordeste 1920-1950), os folhetos também forjaram estereótipos e contribuíram para a manutenção e fortalecimento de preconceitos.

Durante os anos de 2015 e 2016, em que realizei meu estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade Estadual de Londrina (UEL-PNPD-CAPES) pesquisei em vinte e sete acervos de cordel no Brasil (em 15 cidades e 08 estados) e tive contato com 95.346 folhetos, além de encontros com pesquisadores e cordelistas, pude experimentar a sensação dos primeiros folcloristas brasileiros, que viajavam pelo país em busca de informações sobre as marcas do folclore e suas variações de região para região. Esta catalogação é deveras importante por trazer à tona uma temática ainda inédita nos estudos do cordel, as religiões afro-brasileiras. Neste sentido, ainda com muito material para ser analisado, prefiro apontar questões ainda em processo, já que ainda é necessário muito trabalho neste *corpus* documental recolhido e catalogado, não sendo ainda possível conceituarmos como “conclusões”.

A primeira questão que gostaria de elencar é a alteração de parte do título original do projeto. Inicialmente, o projeto intitulava-se “Feitiço, macumba e catimbó: as religiões afro-brasileiras na Literatura de Cordel”. Com o desenrolar da pesquisa em que as leituras, entrevistas e análise de cordéis se tornaram mais intensas e foram se aprofundando, percebi que o conceito “Literatura de Cordel”, que foi utilizado academicamente pela primeira vez no Brasil por Silvio Romero, inspirando-se no escritor e ensaísta português



Téofilo Braga, de alguma forma desqualificava a produção cordeliana, mostrando-a não como um gênero literário, mas como um subgrupo da dita “poesia popular”. Defendo o cordel com um gênero literário, com regras e normas, como qualquer outro gênero da literatura. Da mesma forma que não se utiliza “Literatura de Romance”, “Literatura de Crônica”, “Literatura de Conto”, entre outros, também não vejo sentido na utilização de “Literatura de Cordel”. Utilizar apenas “Cordel”, coloca este gênero no mesmo nível dos outros, com apenas uma grande e fundamental diferença, este é o único gênero, entre todos, originalmente brasileiro.

É inegável que a temática religiosa dominou a produção cordeliana desde o século XIX, e mantém até hoje uma constante presença nos folhetos. Marcadamente católica, esta produção leva ao público a visão do mundo religioso dos poetas, e, de alguma forma, utilizam estes folhetos para “pregar” sobre aquilo em que acreditam. Religiões que não seguiam o credo católico eram duramente criticadas nas páginas dos folhetos, sobretudo os protestantes, denominados de “os nova seita”, relacionando seu culto ao diabo. A partir da visibilidade das religiões afro-brasileiras, como os candomblés a partir das primeiras décadas do século passado e da Umbanda a partir da década de 1940, também a produção cordeliana vai marcar posição criticando estas práticas religiosas.

Termos como feitiço/feitiçaria/feiteiro (a), catimbó/catimbozeiro (a), Xangô/xangozeiro (a), macumba/Macumbeiro (a), passaram a estar diretamente relacionados aos praticantes das religiões afro-brasileiras, inclusive generalizando e homogeneizando o que era completamente diverso.

Os velhos cordéis que contavam as lutas entre pessoas do bem e as feiteiras ou bruxas, agora passaram também a estarem em perigo por conta desta nova “modalidade” de feitiçaria: as práticas afro-brasileiras.

Como a Umbanda é uma religião relativamente recente (fundada em 1908) e que se espalhou pelo país a partir da década de 40 do século passado, menos folhetos foram dedicados a ela, diferente dos candomblés já enraizados no Brasil neste mesmo período. Sobre a Umbanda encontrei folhetos somente após a década de 1970 e todos bastante respeitosos, já que a Umbanda, também neste mesmo período, tentava se legitimar como uma religião que tinha mais elementos das religiões ditas brancas (catolicismo e kardecismo) do que das negras (candomblé). Fica evidente que elementos depreciativos



não foram utilizados nestes folhetos, mostrando de certa forma, um distanciamento da Umbanda com termos menos elogiosos, como macumba e catimbó.

Outra questão que me chamou a atenção foi a tentativa de cordelistas kardecistas, como Rodolfo Coelho Cavalcante, de separar a sua religião das afro-brasileiras. Visto como ciência, o kardecismo se afirmava combatendo a magia e os sacrifícios animais, exaltando “espíritos elevados” (médicos, poetas, advogados, etc), desqualificando a utilização de elementos africanos em seus encontros (atabaques, xequerês, maracás, etc). Ou seja, as religiões afro-brasileiras eram combatidas e desqualificadas tanto pelos cordelistas católicos quanto pelos kardecistas.

Também não é difícil encontrar em cordéis que relatam o “fim do mundo” ou o “fim dos tempos” uma associação de pecados que levam ao “desmantelo” deste mundo com práticas ligadas ao universo religiosos afro-brasileiro. Homens e mulheres que não seguem os mandamentos do evangelho e procuram os catimbós, as macumbas, os xangôs colocam em risco todos, inclusive os mais radicais seguidores do catolicismo, por isso deviam ser combatidos (as) e o cordel era um perfeito veículo que chegava em todos os espaços para conclamar a todos para esta batalha pela salvação dos crentes.

No processo de visita as acervos, me deparei com folhetos de diversos períodos e regiões, o que me fez entender como o cordel foi se adaptando as condições espaciais e temporais em que eram produzidos, ou seja, possuem historicidade. Mesmo os folcloristas tentando estabelecer limites para esta produção, buscando sua fossilização, os cordelistas foram cada vez mais se relacionando com seu entorno, e o sertão, local de nascimento do cordel, foi ficando para traz. As cidades grandes passaram a ser a morada de grandes cordelistas de ontem como Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde, como da atualidade, Franklin Maxado “Nordestino” e Marco Haurélio (inclusive entrevistei os dois). Por isso é impossível separar o sertão da cidade, o rural do urbano. Estes espaços não são estanques e serrados, muito pelo contrário, dialogam e interagem. O sertanejo ingênuo deu lugar ao nordestino que foi viver num grande centro e precisou desbravar este novo lugar e se adaptar a ele.

Estes cordelistas também passaram a incorporar em suas produções elementos das religiões afro-brasileiras, como foi o caso de Franklin Maxado “Nordestino”. Dos 272 folhetos que tratam desta temática, vinte e dois pertencem a este cordelista. Ao entrevista-lo em Feira de Santana/BA (08/10/2016), me relatou que na infância frequentava terreiros



de Candomblé e Umbanda com sua mãe e sua tia e de forma alguma tem qualquer preconceito em relação a elas, e cita Orixás, personalidades (Mãe Socorro) e termos destas religiões por conhecer e entender que elas fazem parte da constituição religiosa do Brasil e em especial da Bahia.

Tenho me debruçado em alguns cordéis de Franklin Maxado Nordestino, entre eles: “Metrô-Jabuti só anda quando exu receber o seu despacho devidamente na Bahia. Laroîê!” (Feira de Santana, novembro de 2009). Neste cordel o autor demonstra por meio de uma narrativa bem humorada em sextilhas todos os percalços na construção do metrô de Salvador. Segundo ele, a cidade não igual as outras do país, já que ela pertence aos orixás, e no caso do metrô não seria possível que esta obra acontecesse sem a autorização de Exu. Para tanto Maxado solicita que os gestores façam uma oferenda ao Orixá dos Caminhos e Mensageiro dos Orixás (o autor trata como “mensageiro dos santos”). Confiante no bom senso dos políticos, acrescenta ao seu pedido que com a autorização de Exu o metrô poderia ser expandido para outras cidades da Bahia, entre elas Feira de Santana, sua terra natal.

Outro cordel de Franklin Maxado é “A lenda a Iara é a mesma de Iemanjá e as sereias” (Rio Amazonas, julho de 2007). Descrevendo as características destas personagens das águas, o autor busca aproximar histórias tão distantes e que apenas apresentam alguns pontos em comum. Esquecendo as narrativas de culturas diversas, coloca como sendo habilidades de todas a sedução. Nos mitos nórdicos, gregos, romanos e ibéricos aparecem sereias que além de confundir com seu canto os navegantes, também aparecem como desejadas sexualmente por eles. Diferente do culto a Iemanjá e Oxum dos mitos Iorubanos, que mesmo em alguns deles sendo apresentadas como sedutoras, só o são com os orixás do mesmo panteão. Iemanjá é vista nos mitos como a mãe que acolhe, mas também pune seus filhos, enquanto Oxum se mostra como bela e que precisa ser adulada com frequência. Os seus filhos, tanto no Candomblé como na Umbanda, as tratam com absoluto respeito e cordialidade, não relacionando aspectos sexuais a sua presença nos terreiros. O autor ainda coloca na mesma categoria as Iaras dos rios brasileiros, que são associadas pelos povos indígenas, também a maternidade e a fartura de peixes. O comum entre elas é o domínio das águas (salgada e doce), mas seus contatos com o mundo terreno são diversos, híbridos e heterogêneos.



No cordel “Juarez Pára-Raios é um maluco beleza” (Feira de Santana, setembro de 2016), o autor nos apresenta esta personagem popular de feira de Santana que muito cedo foi morar no Rio de Janeiro e depois retornou para a cidade natal. Descreve uma quantidade enorme de *piercings* de diversos metais, além de muitas tatuagens. Segundo o autor Juarez, por meio destes metais recebe a energia advinda dos raios e de outras encontradas livres na natureza, fazendo dele um para-raios destas forças. Franklin deixa claro que esta relação de Juarez com os metais se dá por ele ser filho do orixá Ogum e ter também a sabedoria de Oxóssi. Juarez é apresentado como filho de santo da famosa Mãe Socorro, além de ter frequentado diversos “pigis” (altar dos terreiros das religiões afro-brasileiras) em Salvador. Por ser filho do Candomblé, Juarez herdou de seu pai de cabeça (Ogum) os poderes de lidar com metais e isto faz dele um homem especial e diferente na sociedade feirense.

Em um cordel biográfico intitulado “Quem deteve o Capelão foi Pai Afonso de Iansã” (Feira de Santana, outubro de 2010), o autor demonstra claramente o conhecimento que possui sobre o candomblé baiano, e sobretudo o Candomblé de Caboclo da Nação Angola. Descreve em detalhes a vida de Afonso, nascido em 02 de agosto de 1931 em Santo Antônio de Argoim/BA, casado com Dona Helena (feirense) e a dedicação dos dois as práticas religiosas do candomblé. O relato em destaque no cordel foi a luta de Afonso de Iansã para libertar seu irmão de uma prisão injusta realizada pelo Capitão Capelão Jaskowsky em plena ditadura militar em Feira de Santana. Este capitão era o responsável por prender prostitutas, bêbados e pessoas em supostos atos imorais, além de perseguir terreiros de candomblé e seus frequentadores. Afonso de Iansã conseguiu a apoio até mesmo do Bispo em Salvador e o capitão foi preso e afastado de suas funções. Ao longo do cordel Franklin nos apresenta os poderes dos candomblés, dos orixás e de pais e mães de santo (babalaôs e yalorixás) na afirmação de sua religião e do empoderamento de suas práticas e de seus membros.

Segundo Franklin Maxado Nordeste o cordel de sua autoria que mais vendeu foi sem dúvida “O sapo que desgraça o Corinthians” (São Paulo, agosto de 1976). O autor já perdeu as contas de quantos exemplares foram vendidos, mas acredita que já deve ter ultrapassado a marca de duzentos mil folhetos. Nele Franklin informa que o Corinthians não ganhava um campeonato nos últimos vinte dois anos por conta de um despacho feito por um babalorixá muito famoso da Bahia no Parque São Jorge. Este utilizou um sapo,



farinha com dendê e costurou o a boca e o anus do “batráquio” e o enterrou no campo. Para desfazer a maldição, que foi aceita por Exus, somente uma descendente do babalaô poderia realizar. Franklin mostra que mesmo o Corinthians ser protegido por Oxossi (São Jorge na Bahia), não seria possível o time vencer sem desfazer o feitiço. Com tom humorado, mas ameaçador o autor conquistou os torcedores da maior torcida do Brasil. O mais interessante é que o Corinthians foi campeão paulista no ano de 1977 (um ano após a publicação do folheto anteriormente descrito). Franklin em outubro de 1977 lançou o cordel “Corinthians não é mais aquele do sapo cururu” em que demonstra o quanto foi importante seu cordel que denunciava o feitiço, e segundo ele o presidente do time, Vicente Matheus, contratou a yalorixá indicada por Franklin que desfez o feitiço do “sapo-exu”. O autor mostra neste folheto que ajudou o Corinthians apontando o problema que fazia dele um perdedor constante. Ou seja, seu folheto de 1976 foi decisivo para a vitória do time um ano depois.

Muitas outras conexões são possíveis a partir destes folhetos catalogados, como por exemplo, a fabricação, me apropriando do conceito de Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013) de personagens que estão diretamente ligadas as “feitiçarias e magias” e que de alguma forma são tratadas como catimbozeiras ou xangozeiras, como são os casos da “Negra dum peito só” (aparece em dez títulos) e a “Negra da Trougha” (aparece em seis folhetos). Como a ficção e a realidade estão intimamente ligadas na produção cordeliana, acredito que a fabricação destas personagens e de suas práticas, colaborou para a discriminação e preconceito das mulheres negras e praticantes de religiões afro-brasileiras.

Outra questão que vou analisar é a conexão no universo cordelista e os Orixás (presentes nos Candomblés nagôs e na Umbanda) e ainda as entidades espirituais umbandistas que aparecem nos folhetos. Em muitos deles não há uma diferenciação entre o Orixá Exu, por exemplo, e a entidade Exu. Da mesma forma que Zé Pelintra (entidade típica da Jurema e que foi incorporada pela Umbanda), as vezes aparece como Exu e em outras como mestre. É importante entender essas relações e nominações, para também buscar compreender como os cordelistas veem esse panteão e como articulam esses conceitos em suas obras, lembrando que o cordel é produzido pensando num público que o consumirá, e normalmente o senso comum é a base que sustenta a artesanania do folheto.



São alguns apontamentos, que não tem a pretensão de ser conclusivos, já que o trabalho está apenas começando. Sei da responsabilidade que recai sobre esta pesquisa, mas tenho certeza que já plantamos boas sementes neste processo, como a criação da Cordelteca Poeta Djalma Mota, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó, que pretende concentrar folhetos e pesquisas sobre as várias temáticas possíveis a partir do cordel como documento histórico.

O cordel é uma fonte privilegiada para entendermos como assuntos do cotidiano chegaram aos mais recônditos locais do país. Por ser um gênero literário de fácil entendimento e com custo baixo para a compra, sua inserção na vida brasileira e sobretudo no nordeste e nos grandes centros urbanos do sudeste, nos possibilita fazer uma leitura das representações que seus autores e leitores faziam do mundo que os cercava. A dinâmica dos temas e a forma direta como eles são narrados, nos coloca diante de acontecimentos sem filtros muito claros e sua objetividade nos garante uma experiência sensível com o universo cultural dos cordelistas e dos consumidores desta arte literária.

Todos os preconceitos estão ali, não de forma velada, mas escancarados. Isso não quer dizer que os cordelistas sejam preconceituosos, eles apenas reproduzem o que os seus consumidores já estabeleceram como verdades. Não há muitos questionamentos, o que faz com que o historiador tenha uma fonte viva de diálogo historiográfico. Perceber o que a fonte nos diz é um dos mais desafiadores ofícios de nossa profissão. O cordel nos provoca e isso é salutar em nosso campo de atuação. Os conceitos estão ali, cabe a nós mergulhar em suas entranhas e retirar dele seus encantamentos e dúvidas permanentes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Os cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. **Literatura oral do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de Cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**. Natal: EDUFRN, 2006.



GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEMOS FILHO, Arnaldo. **Catolicismos brasileiros**. Campinas: Alínea, 2000.

PONTES, Mário. **Doce como o diabo: o demônio na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

CORDEIS CITADOS:

NORDESTINO, Franklin Maxado. **A lenda a Iara é a mesma de Iemanjá e as sereias**. Rio Amazonas: julho de 2007. (8 páginas)

_____. **Corinthians não é mais aquele do sapo cururu**. São Paulo: outubro de 1977. (8 páginas).

_____. **Juarez Pára-Raios é um maluco beleza**. Feira de Santana: setembro de 2016. (8 páginas)

_____. **Metrô-Jabuti só anda quando exu receber o seu despacho devidamente na Bahia. Laroîê!**. Feira de Santana: novembro de 2009. (8 páginas)

_____. **O sapo que desgraça o Corinthians**. São Paulo: agosto de 1976. (8 páginas)

_____. **Quem deteve o Capelão foi Pai Afonso de Iansã**. Feira de Santana: outubro de 2010. (8 páginas)